

## O DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO: Práticas pedagógicas em sala de aula.

*Camila Lidia Pereira Magalhães Domingos<sup>1</sup>*

*Eixo temático: 8 – Alfabetização e modos de aprender e ensinar.*

### Resumo:

A pesquisa-ação vem fazer uma reflexão dos desafios do professor alfabetizador em unir a teoria com as vivências de sala de aula. A necessidade de acompanhar o desenvolvimento da aquisição da linguagem escrita e da leitura em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental, com atividades lúdicas e musicalidade do universo infantil que levavam a uma reflexão da consciência fonológica. Nesse processo, vivencia a ligação de professor e aluno nesse mundo letrado utilizando de avaliação dignóticas para identificar os níveis de escrita, juntamente com atividades que auxiliavam a alavancar o seu conhecimento.

**Palavras-chaves:** Alfabetização. Leitura e escrita. Consciência fonológica. Sala de aula.

### Introdução

O presente trabalho consiste num relato da prática em sala de aula com conhecimento empírico e teórico de vivências de sala de aula. Uma reflexão da apropriação do sistema de língua escrita e alfabética por meio de atividades lúdicas.

No volta as aulas presencial, pos-pandemia, foi um desafio para o professor alfabetizador. Como alavancar o conhecimento da criança? Ao mesmo tempo acolher essa criança, pois seria o primeiro contato com o professor presente.

A experiência aconteceu em uma escola da rede pública de ensino do Município de Colniza – MT, no período vespertino, com 16 alunos, do 1º ano do Ensino Fundamental.

Com a pesquisa bibliográfica a respeito da consciência fonológica através de literatura e artigos científico, instigado pelo respaldo do decreto nº 9.765, publicado no dia 11 de abril de 2019, que institui a Política Nacional de Alfabetização (PNA) tem como princípios, “a ênfase no ensino dos seis componentes essenciais da alfabetização: consciência fonêmica; instrução fônica sistemática, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de texto e produção de escrita”.

---

<sup>1</sup>Pós graduada em especialização em Fundamentos para Alfabetização e Letramento e Psicopedagogia Institucional pela Fael. Professora da Educação Básica do Estado do Mato do Grosso. Contato: camilamdomingos@hotmail.com.

Segundo Soares (2019, p.77), “Essa capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala é o que se denomina consciência fonológica: a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre os seus segmentos sonoros, que distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas”.

Dentro dessa premissa, esta pesquisa-ação baseia-se em evidenciar os impactos da aplicabilidade da consciência fonológica para aquisição da língua escrita de crianças do primeiro ano do ensino fundamental, juntamente com o lúdico presente, fazendo brincar com as palavras, de maneira a compreender as relações entre as partes orais e escritas.

A criança quando envolvida em situação lúdica e jogos, adquire novas experiências, interagem umas com as outras, organização do pensamento, fazem escolhas e produzem conhecimento. Ou seja, ao brincar e nas atividades lúdicas a criança constitui-se como agente de suas experiências sociais, organizando sua autonomia, suas ações e interações, criando regras sociais.

### **O Ensino da leitura e da escrita: Como alfabetizar? Que caminho seguir?**

Quando pensamos em alfabetizar crianças no Brasil, vem à reflexão de várias práticas de ensino da leitura e da escrita, mas a pesquisa-ação fundamenta-se em dois princípios teóricos, a influência do desenvolvimento da consciência fonológica para aquisição da língua escrita e leitura, juntamente com a lúdica na prática de sala de aula.

Sabemos do histórico de fracasso da alfabetização no Brasil, e vem diminuindo, mesmo assim ainda temos um sistema escolar excludente, e saindo de um período de pandemia mundial do covid – 19, o desafio de acolher essas crianças que ainda não tiveram contato com a escola no presencial e ao mesmo tempo diagnosticar e alavancar o seu conhecimento em pouco tempo (retorno do ano escolar deu-se no início do quarto bimestre) soa como um grande desafio.

Com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em dezembro de 2017, direitos e objetivos de aprendizagem foram propostos para diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, que leva o professor a uma reflexão mostrando um este prisma da alfabetização quanto à apropriação da SEA, aprender a articular as diferentes facetas da apropriação da língua escrita. Isso significa aliar o trabalho com as práticas sociais de leitura e escrita com momentos de aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Com a criação dessas diretrizes a pergunta “o que ensinar” passou a ser a principal problemática: como vou trabalhar para que o aluno desenvolva aquelas habilidades? E começamos a reflexão.

Começou em ações como: as metas de progressão, pesquisa e troca de informações entre os professores alfabetizadores e revisão das metas do plano de retorno para manter uma régua assertiva. Com a visão em uma mudança no processo de ensinar e aprender que

o educador não planeja a aula, mas uma sequência de atividades que permitam que as crianças desenvolvam as habilidades previstas para um ciclo de aprendizagem realizando diagnósticos avaliativos, isto é, um olhar atento para o dia a dia do aluno, buscando verificar a aprendizagem de habilidades adquiridas.

Segundo Magda Soares - Alfabetizar e letrar é: “compreender como a criança aprende a língua escrita, o sistema alfabético e seus usos, e com base nessa compreensão, estimular e acompanhar as aprendizagens com motivação, propostas, intervenções, sugestões e orientações, o que supõe um olhar reflexivo e propositivo sobre o desenvolvimento e aprendizagem da criança” (Nova Escola, 2020).

O propósito era acolher e construir novos conhecimentos, de forma natural e espontânea, envolvendo situação lúdicas com experiências em que eles lessem e produzissem palavras, frases e textos.

Desde a década de 1980, as pesquisadoras e professoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky falam a respeito da Psicogênese da Língua Escrita abrem um leque de novas possibilidades de práticas de alfabetização, mostrando que a concepção da língua escrita como um código, que deve ser compreendido, que necessita perceber o sistema e como funciona, que entendendo que a escrita alfabética o papel das sons das partes orais se correspondem com as sílabas (os fonemas). Esses segmentos sonoros elevam atingir nível de compreensão, que caracteriza a escrita alfabética, as autoras constataram que as crianças e adultos analfabetos passavam por fases de escrita, sendo assim o alfabetizador necessita de um conhecimento a respeito dos níveis de escritas.

Nos anos 1990, um novo conceito de alfabetização relacionado as práticas de leitura e escrita começou a ser difundido no Brasil: o letramento. Segundo Soares (1998, p. 27), a palavra letramento na sua versão para o Português vem do termo da língua inglesa *literacy*, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.

Mediante versões teóricas na área de alfabetização, derivado principalmente dos estudos a respeito da psicogênese da língua escrita e práticas de letramento, as reflexões acerca de como alfabetizar nossas crianças tem se intensificado, principalmente se tratando nos anos iniciais.

Vale ressaltar que neste trabalho contempla a consciência fonológica juntamente com demais níveis de linguagem, estimulando a partir de palavras no contexto de palendas, contação de história e atividades lúdicas propostas. Conforme evidencia Wolff (2015):

A consciência fonológica (...) não é um elemento isolado e executado de forma mecânica em suas propriedades. Ela pode ser pesquisada e avaliada de forma mais objetiva e pontual, mas a atenção aos aspectos fonológicos se justifica pela distinção de diferentes sentidos daquilo que é dito em um enunciado, estando assim

associados aos demais níveis de consciência linguística. A partir do enunciado gera-se um sentido específico que faz a atenção voltar-se à palavra e a seus segmentos, permitindo compreender sua estrutura sonora particular e identificar semelhanças e diferenças com relação a outras palavras. (p.39-40)

Com base em vivências de sala de aula, embasamentos teóricos, a criança quando vivencia momentos de ludicidade, prazer em conhecer a uma consolidação no aprendizado, e como andar de bicicleta, quando se aprende nunca se esquece, mesmo ficando um tempo sem andar, vejo por que foi construído um conhecimento tanto cognitivo, motor e emocional.

Nesse contexto, a investigação como se dá a vivência das reflexões sobre as palavras orais e escritas em situações lúdicas através de jogos com palavras, no sentido de compreender que as letras representam os sons da fala, adquirindo a habilidade de manipulá-la intencionalmente.

Com a fala de Morais (2012,p.117) defende um ensino com planejamento de atividade de maneira que leve a criança a refletir a respeito do sistema de escrita alfabética.

“não se trata de iniciar um ensino sistemático das correspondências som-grafia, aos cinco anos de idade. Mas, sim, praticar um ensino que tem explícita intenção de ajudar as crianças a avançarem em sua compreensão dos aspectos conceituais e convencionais da escrita, além de permitir-lhes avançar em seus conhecimentos letrados”...”Refletir sobre as palavras, brincando, curiosamente, com sua dimensão sonora e gráfica”(p.116).

Nessa ideia, vamos investigar como jogos educativos a aplicabilidade dos jogos na aquisição da SEA, cada vez mais difundindo na prática de sala de aula.

Destaca-se que desde tempos primórdios, tempos romanos e gregos Platão e Aristóteles já mencionavam com destaque a importância de aprender brincando, propunham jogos como meio de aprendizagem.

Conforme Kishimoto (2003) afirma que “qualquer jogo empregado pela escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta o caráter educativo e pode receber também a denominação geral de jogo educativo”.(p.22) “Pode-se dizer que todo jogo é educativo em sua essência. Em qualquer tipo de jogo a criança sempre se educa”.(9p.23)

Aprendemos com a teoria da psicogênese que aquisição da escrita alfabética e o processo de letramento, esse mergulho no universo infantil começa mesmo antes de vir para âmbito escolar em suas vivências diárias a criança se apropria do conhecimento e quando vem para escola cabe a ela assumir esse mundo colocando facilidade no seu caminho para ir de encontro ao letramento e lúdico o brincar é uma dos jeitos.

As brincadeiras lúdicas com a língua faz parte da nossa cultura em todos os momentos históricos com poemas, músicas, parlendas e trava línguas.

Quando cantamos músicas de cantigas de roda; ou recitamos parlendas, poemas, quadrinhas; ou desafiamos os colegas com diferentes adivinhações; estamos nos envolvendo com a língua de uma forma lúdica e prazerosa. Da mesma forma, são variados os tipos de jogos que fazem parte da nossa cultura e que envolvem a linguagem. Quem nunca brincou fora da escola do jogo da forca, ou de adedonha, ou de palavras cruzadas, dentre outras brincadeiras? (LEAL;ALBUQUERQUE;LEITE, 2005,p. 117-118).

Nesse artigo, vem apresentar pesquisa-ação que buscou analisar práticas de ensino da aquisição da escrita alfabéticas e leitura em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental, com a volta as aulas presenciais pos-pandemia, e a relação dessas práticas envolvendo o lúdico com os conhecimentos apresentados dos alunos ao final do ano letivo em relação a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). A pesquisa envolveu uma escola de bairro da rede pública municipal de ensino.

### **3. Metodologia**

Diante do exposto, a prática da pesquisa ação teve por abordagem uma Escola Municipal de bairro, que teriam o primeiro contato com professor presente, então esse primeiro momento foi feito com acolhida, roda de conversas, contação de história e jogos lúdicos sempre envolvendo o prazer em aprender, explorando a oralidade e escrita de maneira lúdica. Com objeto de observação aquisição e construção do conceito de escrita, identificando o desenvolvimento da criança em seu processo de compreensão.

Dignosticar o nível de compreensão da escrita em que se encontram as crianças tem, para ação educativa de alfabetizar em situação escolar, objetivos pedagógicos: a partir desse diagnóstico, podem ser definidos procedimentos de mediação pedagógica que estimulem e orientem as crianças a progredir, avançar de nível ao seguinte, atuando, nas palavras de Vygotsky, sobre sua zona de desenvolvimento potencial (Soares, p.57).

Dessa forma, a prática desenvolvida com objetivo articular jogos e brincadeiras que desenvolvesse uma reflexão a respeito do sons das palavras e sua escrita.

### **4. Resultados e Discussão**

Durante a pesquisa ação constou-se que as crianças estavam muito eufóricas para aprender, como eles diziam “fazer tarefa”, um longo período de pandemia apenas atividades feitas em apostilados e vídeos gravados, ter um professor presente era um momento único. Em rodas de conversa, eles se faziam parte do processos, contavam como foram os dias que

ficaram em casa e como se sentiam com o retorno presencial. Apreciavam muito leitura deleite e contação de história para fazer o reconto oral e através de desenho.

E mediante isso, foram inseridas atividades de estimulação de consciência fonológica, primeiro fazem que eles refletissem que tudo tem um nome e um sons. Através músicas e sons, eles tinham que identificar os sons e suas pautas sonoras.



**Figura 01:** Atividade de Consciência Fonológica.  
**Fonte:** Arquivo pessoal. 2020.

E através de uma avaliação diagnóstica, apontou que 4 estavam nível das garatujas, 5 silábico sem valor sonoro e 6 silábico com valor sonoro em suas hipóteses de escrita (FERREIRO e TEBEROSKY,2008). Observando que o contato que eles tiveram anteriormente foram através de apostilado devido o período de pandemia.

Mediante a informação obtida na sondagem, foram inseridas atividades de estimulação da consciência fonológica, contemplando a reflexão com base na oralidade, e atividades que relacionavam o som a escrita, como a parlenda “Farofa fofa faz fofoca feia”, uma maneira bem divertida, para reflexão dos sons das letras, sílabas e palavras. Foram inseridas atividades de estimulação da consciência fonológica, no primeiro momento contemplando a reflexão com base na oralidade, rimas, em segundo momento introduzido a relação fonema-grafema para representação de sons da fala transposição para escrita.

A brincadeira era feita no pátio com bambóles, quando ouviam as palavras com som da letra da letra inicial eles entravam dentro do bambole, outro hora quando ouviam a o som da sílaba final avançavam com o bambole. A criança ao brincar com sons e palavras megundando em experiências concretas, trazendo a aquisição da escrita alfabética junto com letramento.

Oferencendo parlendas e trava-língua para brincarem e refletirem ao registrarem com desenhos e dando oportunidade a praticarem a escrita espontânea e lerem o que escreveram, assim observando eles mesmo o processo de SEA.

As atividades que levam os alunos a refletir sobre os aspectos fonológicos e a desenvolver o que Ferreiro (1985) chamou de “fonetização da escrita” devem considerar que tipo de habilidades fonológicas as crianças podem, de fato, desenvolver sem já estarem

alfabetizadas, e quais são importantes para chegarem a uma hipótese alfabética de escrita.  
(MORAES, p.131)



**Figura 02:** Atividade Lúdica na quadra de areia.  
**Fonte:** Arquivo pessoal. 2020.

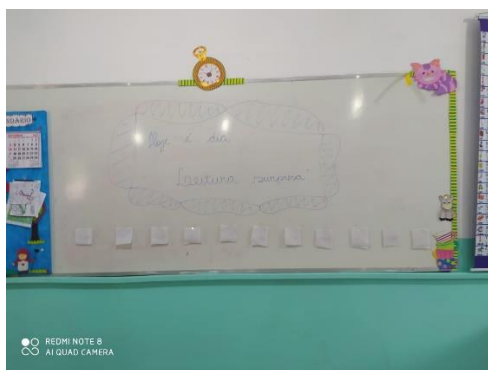
Assim, envolvendo o lúdico na sequências de atividades, eles refletiam a respeito do som, e quantos pedacinhos precisavam formar para escrever as palavras propostas.

A verdadeira proposta, era um aprendizado com leveza e respeitando o momento de cada criança.

As crianças que se encontravam nível silábico de garatujas as atividades propostas para avançar, perceber o sons da letras, relacionar as palavras que começa com o mesmo som, auxiliando a distinguir letras, números e objetos.

As crianças que se encontravam no nível silábico sem valor sonoro e silábico com valor sonoro, as atividades propostas, incentivar a colocar uma letra para cada som falado, atividades para relacionar as letras com a figura, juntamente com alfabeto móvel. Avançavam aprendendo o som da letras, identificando as letras faltosas, som da letra inicial e final.

Atraves de escrita espontânea, eles escreviam a palavras e de pois no quadro escreviam palavra para fazer a comparação se estava correta. Outra atividade de eles amavam era o ditado surpresa, com as palavras coladas no quadro, eles molhavam com o spray e faziam a leitura.



**Figura 03 e 04:** Atividade com leitura surpresa.  
**Fonte:** Arquivo pessoal. 2020.

Com as sequencia de atividades, com a história “O dente ainda doía”, faziam o reconto oral e através de desenho. Na mesma sequência de atividade, foi explorado números, quantidade e reta numérica possibilitando a junção alfabetizar letrando, permitindo uma aprendizagem significativa e contextualizada unindo o saber da criança com mundo letrado, segundo Soares (2004).

Dissociar alfabetização, a o e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis [...] (SOARES, 2004, p. 14).



**Figura 05:** Atividades com ilustração do texto e escrita espontânea.  
**Fonte:** Arquivo pessoal. 2020.

Com o relato desta pesquisa-ação os resultados adquiridos com os temas aplicados envolvendo o brincar junto com mundo letrado foram muito positivo, conseguiu trabalhar a psicomotricidade, coordenação motora ampla e fina também. Contribuindo significativamente para o processo de alfabetização. As crianças puderam avançar em seus níveis de conhecimento consideravelmente, em seu primeiro contato com a volta aulas.

As vivências de sala de aulas como professor mediador foi importante para o processo de ensino aprendizagem, possibilitando a criança de um jeito prazeroso apropriando de conhecimentos e de habilidade no âmbito da linguagem, da cognição de valores e da sociabilidade. Sendo assim, o brincar agente de suas experiências sociais, adquirindo autonomia e interações criando memórias positivas.

## **5 Considerações Finais**

As práticas realizadas em sala de aula possibilitou uma reflexão ativa, da aquisição do sistema de escrita alfabética na prática de sala de aula, o processo de desenvolvimento com a união da consciência fonológica e lúdico, o envolvimento da criança na construção do aprendizado contribuíram de forma significativa.



Faz necessário ressaltar que uma vez que a criança fizeram parte da edificação do conhecimento, criando regras de boa convivência, aprendendo ter auto regulação, desenvolvendo a criatividade, pensamento abstrato, a percepção visual, memorização e observação.

Assim, pode-se dizer que o resultado positivo da alfabetização e prática social, com o professor agente ativo em perceber as particularidades, e a partir desse ponto de partida ser o orientador e mediador do processo de ensino aprendizagem. Ser pedagógico a se apropriarem do conhecimento espitêmico, científico e sistematizado, contribuindo para uma educação transformadora.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 8 março 2020.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Documento Orientador – PNAIC. MEC, Brasília – DF, 2017.

MOARES, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Como eu ensino).

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização em Lagoa Santa (MG):** quando a teoria encontra a prática. Nova Escola. <https://novaescola.org.br/conteudo/19734/alfabetizacao-em-lagoa-santa-mg-quando-a-teoria-encontra-a-pratica>. Acesso 05/10/2020.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Alfabetização e Letramento/literacia no contexto da educação infantil: desafios para o ensino, para a pesquisa e para a formação. Metodista. <https://www.google.com/search?q=KISHIMOTO%2C+Tizuko+Morchida.+Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o+e+Letramento%2Fliteracia+no+contexto+da+educa%C3%A7%C3%A3o+infanti>. Acesso 02/02/2023.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Ministério da Educação. Brasília, 2010.